



Projeto de Iniciação Científica

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)

Práticas acessíveis no espetáculo teatral

Isadora do Prado Ifanger

RA: 199297

Orientadora: Maria Alice Possani

Vigência: Agosto de 2019 à setembro de 2020

APRESENTAÇÃO

Mesmo vivendo em um país com uma legislação rica na defesa dos direitos das pessoas com deficiência ainda não há o fomento necessário para que a sociedade possa se apropriar dessas leis e o meio cultural ainda pouco estimula a presença dessas pessoas em seus espaços. Tendo em vista o caráter público do qual o teatro se faz em sua essência e a responsabilidade que nós artistas temos para que nossos materiais sejam de acesso ao maior número de espectadores possível, essa pesquisa teve objetivo de realizar reflexões que possam contribuir com o desenvolvimento desses meios para acessibilizar espaços e espetáculos teatrais na cidade de Campinas. A partir daí é feito o recorte focado em pessoas com deficiência visual, sendo pessoas cegas ou de baixa visão, e pessoas com deficiência auditiva e a comunidade surda, assim se faz necessário a presença do intérprete de Libras como afirmação dessa cultura e para que haja uma troca direta e genuína entre as partes. A função do intérprete e traduzir simultaneamente o que está sendo dito em cena, ressaltando também a importância desses trabalhadores

visto que a Língua Brasileira de Sinais é a segunda língua oficial do nosso país, depois do português.

A prática que é voltada para o público de pessoas com deficiência visual é a audiodescrição, que é uma forma de traduzir materiais visuais através de palavras, podendo tanto ser em formato de texto ou em formato de áudio. É comum ver a descrição em texto nas redes sociais, em que a pessoa com deficiência visual pode ter acesso a esse material através do leitor de tela em seu aparelho. No formato de áudio, ele pode ser utilizado tanto de forma gravada, no caso de obras estáticas em exposições de museus e galerias, quanto ao vivo, como acontece no teatro. No teatro, a audiodescrição traduz em palavras tudo o que o espetáculo possui de imagético, como as personagens e seus figurinos, o espaço cenográfico e também as ações físicas dos atores e atrizes. Esse trabalho é realizado pela elaboração prévia de um roteiro pelo audiodescritor, que transmite simultaneamente as informações do espetáculo através de um transmissor com microfone onde o público possui fones receptores para ouvi-las. Desenvolver e fazer uso dessas práticas é entender que acessibilidade é considerar a presença de todo e qualquer indivíduo, independente de suas limitações físicas e/ou sensoriais.

OBJETIVOS

Contribuir para elaboração de práticas acessíveis em espetáculos teatrais na cidade de Campinas, qualificando as relações entre a produção e o público de pessoas com deficiência visual e auditiva, de forma que foram realizadas reflexões sobre as espacialidades dos espetáculos, entrevistas com os grupos de pessoas dos quais o projeto tem foco para que haja espaço de troca e para gerar conteúdo teórico a respeito das vivências de cada indivíduo, elaboração de meios de divulgação acessível e realização do relatório final da pesquisa como forma de gerar material bibliográfico sobre práticas acessíveis no teatro.

METODOLOGIA E RESULTADOS

Com base nas vivências experienciadas no decorrer do projeto, as leituras realizadas e os relatos que foram compartilhados nas entrevistas é possível notar a relevância que as práticas de acessibilidade tem para com o meio artístico cultural em relação direta com a sociedade e é claro como essas práticas ainda são pouco

divulgadas e conhecidas, se fazendo importante por essas práticas em ação para que haja uma pluralidade de opções culturais para o público com deficiência, abrindo um leque de possibilidades e de escolhas.

Podemos observar que os eventos dentro do departamento de Artes Cênicas, como a Mostra Cênica de Verão 2019, serviram não só como espaços acessíveis, mas também como meios para divulgar as práticas de acessibilidade para outros artistas da região. Nossos espetáculos com audiodescritores e intérpretes ganharam visibilidade pelo público geral e também foi possível criar laços com instituições da cidade de Campinas compostos por pessoas com deficiência que já tínhamos começado um contato no primeiro semestre de 2019 e que continuaram junto a nós nos eventos seguintes, trazendo cada vez mais pessoas para os nossos espaços.

Criar o vínculo com essas instituições é muito importante para que possamos compartilhar nossas produções realizadas dentro do ambiente acadêmico para com a sociedade da qual ela está inserida. Na sequência estão duas imagens dos registros que fizemos da presença do público cego na sessão com audiodescrição do espetáculo-performance *Pão*. Na primeira vemos a chegada deles ao departamento e a segunda o reconhecimento tátil do cenário:



Foto 1: Acervo do Laboratório de Produção e Ação Cultural do Departamento de Artes Cênicas da UNICAMP

Descrição de imagem: Ao fundo da foto um canteiro com árvores e uma placa cinza com letreiro escrito em branco: IA Departamento de Artes Cênicas e Departamento de Artes Corporais, Rua Pitágoras 500. Na calçada a frente do canteiro há uma pequena aglomeração de onze pessoas. A maioria delas seguram bengalas brancas e os rostos estão desfocados, menos o de Isadora. Ela está de perfil no canto direito da foto, é uma mulher branca de cabelos castanhos presos para trás, usa vestido curto florido azul claro e segura folhas de papel impressas. A direita das pessoas há parte de um prédio com paredes brancas e no lado oposto está a rua com alguns carros estacionados.



Foto 2: Acervo do Laboratório de Produção e Ação Cultural do Departamento de Artes Cênicas da UNICAMP

Descrição de imagem: Foto de uma sala com paredes pretas e chão de madeira escura. Ao centro uma mesa comprida coberta por toalha amarela e onze pessoas a contornam. Os rostos estão desfocados, menos o de Isadora que está ao lado direito da mesa, mulher branca de cabelos castanhos presos em duas tranças, usa vestido curto florido azul claro e segura folhas de papel impressas. Na esquerda da imagem há suspenso um tecido branco de voal que toca o chão. Fim da descrição.

Artistas da cidade e até mesmo outros alunos do curso que puderam ter contato com essas ações começaram a entrar em contato com interesse de saber como acessibilizar seus espaços e novos projetos. Um exemplo foi outro festival da cidade, o Feverestival de 2020, que teve sua décima quinta edição e foi a primeira de toda a sua composição e história a contar com recursos de acessibilidade. Isso

se deu por estarem em contato e verem os resultados da Mostra em nosso departamento.

Dado um panorama geral os retornos foram muito positivos em relação a nossa recepção e cuidado, onde os grupos estavam previamente preparados para receber, como por exemplo, o público cego para que realizassem o reconhecimento tátil do espaço, os figurinos e até mesmo conhecer e identificar os atores antes da peça, além de que, como comentei, muitos tiveram ali um primeiro contato com o recurso de audiodescrição e se sentiram acolhidos por esse local que levava em conta a presença desses indivíduos. Para mim esse contato foi um dos momentos primordiais e base para que esse projeto pudesse ser realizado, motivada por construir vínculo com essas pessoas e frisar a importância da comunicação em relação ao outro para que todos envolvidos se sintam pertencentes à aquele momento que foi construído e que pode também ser mais aprofundado nas entrevistas pessoais que seguirem após a Mostra. É essencial quando trabalhamos com um público específico que esses indivíduos façam parte da construção do projeto para que não sejam apenas objeto de estudos como podemos ver refletido em uma sentença muito abordada na luta das pessoas com deficiência que é a ideia de “nada sobre nós sem nós”, pois apenas no contato e na vivência que podemos aprender sobre o outro.

Sou motivada e atravessada por essa pesquisa desde sua idealização pois sou portadora de uma deficiência física chamada luxação congênita de quadril, que desencadeou uma má formação no meu quadril esquerdo e que também afeta a minha coluna. Dado essa minha vivência, sempre estive envolvida em espaços com pessoas com diversos tipos de deficiência e é esse meu olhar de dentro desse meio e em contato a essas pessoas que me impulsiona a querer trabalhar com pesquisas que contribuam para que nós possamos cada vez mais quebrar essas barreiras sociais, e dentro desse processo de pesquisa pude me redescobrir como atriz PCD e reelaborar formas sobre como corpos como o meu podem e devem ocupar espaços tão importantes socioculturais como o espaço das Artes Cênicas, para que cada vez mais corpos não padronizados sejam aceitos e entendidos como potências para todo e qualquer tipo de trabalho.